

O poeta e a montanha: considerações em torno das trajetórias existencial e literária de Noriega Varela¹

Henrique Marques Samyn (UERJ)

1

Montañas é o título original do primeiro livro de Noriega Varela — aquele que, segundo Ricardo Carballo Calero (1981, p. 522), é na verdade a única obra do poeta, outras vezes reescrita e finalmente batizada com o novo título *Do ermo*; no entanto, para além dessas contingências editoriais, “montanhesas” permaneceriam sempre as poesias de Noriega Varela. Era, afinal, o “cantor da montanha”, esse território que tanto percorrera em vida e no qual desejava permanecer após a morte. Como o poeta afirmou em entrevista a Álvaro Paradela, na montanha gostaria de ter sua cruz (FREIXEIRO MATO, 1992, p. 208); da mesma forma, lemos em seus versos: “na montuosa terra, nunca explorada,/ bendita sepultura merecer quero” (NORIEGA VARELA, 1995, p. 177).

É fundamental pensar a montanha para se compreender devidamente a poesia de Noriega Varela; é isso o que observa Fernandez del Riego, quando afirma que é preciso situar-se junto ao poeta, no alto do cume montanhoso, para que se possa compreender sua mensagem (1991, p. 40). Seria possível, no entanto, levar para mais além essa relação — ou seja: pensar não apenas a mensagem, mas o próprio Noriega Varela, em sua trajetória existencial, a partir da imagem da montanha? Sugerem-nos as fotografias que o poeta era não só um homem forte como um carvalho, como registra Carballo Calero (1981, p. 527), mas também sólido como uma rocha; e podemos, a partir dessa intuição, pensar na montanha norieguesa de uma

forma alegórica, identificando-a à vida do próprio poeta e procurando compreender de que maneira este projetou naquela sua própria forma de vivenciar o mundo.

2

O retrato de Noriega Varela que se pode compor a partir das sugestões de cores e texturas que nos foram legadas por seus contemporâneos demonstra, de fato, possuir semelhanças com as montanhas que superam as meras alusões físicas. À montanha, poderíamos dizer, assemelha-se a própria personalidade do poeta — por sua solidez e firmeza, mas também por sua rigidez e imobilidade. A biografia de Noriega Varela é a história de um poeta que vai, aos poucos, descobrindo e fortalecendo sua forma própria de estar no mundo — como uma imponente colina que, depois de se haverem afastado as nuvens que a encobriam, irrompe, impávida e majestosa, dominando a paisagem.

Que nuvens seriam essas? Talvez pudéssemos considerar que uma delas seja a controversa incursão que o poeta fez pelos campos da poesia política. A história, durante longo tempo repetida, que acabaria por eleger o poeta um “mártir do caciquismo”, narra como Noriega Varela, sob influência de Basílio Álvarez e Antón Villar Ponte, compôs um conjunto de poemas anticaciquistas que acabariam por valer-lhe um severo castigo: o deslocamento forçoso de Foz, a agradável vila marinheira onde trabalhava como professor, para Calvos de Randin, região próxima da fronteira com Portugal — que os olhos do poeta enxergavam como sombria, onde tudo parecia dominado pelas lembranças do inverno e das longas nevadas (FREIXEIRO MATO, 1992, p. 46). A versão mais conhecida desse acontecimento afirma que a causa do desterro de Noriega Varela foi a publicação, em periódicos considerados anticaciquistas, de poemas políticos como “En boa hora...” e “Pr’os mozos”, o que lhe teria granjeado a inimizade de autoridades políticas — de modo que o poeta acabaria

por ser transformado, no dizer de Basílio Álvarez, na “primeira vítima que o caciquismo imolou para vingar-se” (*apud* FREIXEIRO MATO, 1992, p. 29, tradução nossa).

Por outra via, Xosé Ramón Freixeiro Mato (1992) apresentou fortes argumentos em favor de uma desconstrução dessa versão do acontecimento. Ancorado principalmente em um minucioso levantamento das datas de publicação originais dos poemas políticos de Noriega Varela, revela o teórico que o primeiro desses poemas, “Mais coraxe!”, data de 1913, tendo todos os outros sido publicados entre 1914 e 1920; nenhum, portanto, foi publicado antes de 1911, ano do desterro do poeta. O desterro de Noriega Varela, segundo Freixeiro Mato, teria sido motivado por um possível “jogo político-ideológico” que conduziria a uma desqualificação do trabalho educacional do poeta, perceptível nas atas da Junta de Instrução Pública de Foz (reproduzidas em FREIXEIRO MATO, 1992, p. 39-42).

Para além dessas controvérsias, o fato é que Noriega Varela iria, aos poucos, retirando de sua obra os poemas políticos; mesmo poemas que chegaram a ser publicados na edição príncipe de *Do ermo*, em 1920, como “En boa hora...” ou “Acción gallega”, não apareceriam nas edições posteriores — expurgo cujo intento seria, certamente, afastar da sólida montanha norieguesa, formada pelas rochas de uma antiga e sedimentada tradição, esses acontecimentos que, em relação àquela, não podiam ser considerados mais do que frágeis e efêmeras contingências temporais. O reacionarismo da posição adotada pelo poeta consegue alguma justificação — ainda que não se torne, por isso, menos discutível — à luz dessa distinta percepção da temporalidade. Voltaremos a este ponto mais à frente; por agora, cabe tratar de outro aglomerado de nuvens que durante algum tempo encobriu a montanha (de) Noriega Varela: a tensão erótica.

Presentes em versos de alguns dos primeiros poemas, as experiências eróticas em cenários montanheses foram aos poucos sendo modificadas ou, mais comumente, expurgadas. É esse o caso de “Abrulas”*, poesia que o poeta, mais tarde,

consideraria “descaradamente libidinosa” (cf. carta de Noriega Varela transcrita em FREIXEIRO MATO, 1992, p. 234), por conta de versos como: “ti eres o sol cando miras,/ remuíño* cando bailas,/ entena* cando me chuchas*/ na boca, e si leda palras.../ ¡o bando das cotovias/ que ó ceio subindo canta!”.

Tom similar, como acertadamente sugere Freixeiro Mato (*Ibidem*, p. 104), faz-se presente em *Xuício d’o ano 1931*: “N’este mundo estrafalario*/ antes que a cruz y-o calvario,/ procura ô Gaiteiro, ¡goza!/ ¿Es novo? ¡Chucha una moza!/ ¿Vas vello? ¡Reza o resario!”.

O desvelamento da montanha norieguesa era marcado, afinal, por um forte sentimento moralista, de matizes vivamente cristãos — e, em certa medida, puritanos. A própria representação dos montanheses, na obra de Noriega Varela, é densamente moralizante; “as casas dos brañegos son santuarios”, afirma em um de seus versos (NORIEGA VARELA, 1995, p. 151). Se a sensualidade permanece na poesia norieguesa, é de forma gradualmente mais discreta e recatada; em oposição às ardentes galegas dos primeiros versos, está aquela “moza brañega”, de palavras doces e meigos sorrisos, com quem o poeta almeja se casar para viver de forma honrada.

3

Afastadas as nuvens, surge a imponente montanha norieguesa, trazendo em seu bojo o que resguarda de mais essencial: a força da tradição que a sustenta e sedimenta. É o que Noriega Varela afirma expressamente no primeiro parágrafo do poema intitulado, precisamente, “Á montaña” (1995, p. 27): “Loas* que che brindo son/ os meus versos, irta serra,/ porque adoro a tradición,/ e en par do teu corazón/ gardas as da nosa terra”.

Esse poema nos é valioso porque nele o poeta apresenta todos os mais

importantes elementos que surgem em sua poesia associados à imagem da montanha. Esses elementos, ainda que estejam sempre e necessariamente inter-relacionados, podem ser inscritos em três categorias:

1. Os elementos “afetivos” são os que explicitam a relação sentimental que o poeta mantém com a montanha. Por meio deles, Noriega Varela reitera sua identificação com a montanha, o que está na base da projeção que o poeta fará, naquela, de aspectos de sua própria personalidade. Alguns exemplos de versos que podem ser inscritos nessa categoria: “Non me namora o mar fero,/ que a moitos tanto lles gusta;/ a ti, montaña, che eu quero”; “pro polo millor tesouro/ non troco as froliñas de ouro/ con que te vistes, montaña”.

2. Os elementos “costumistas” demonstram de que maneira Noriega Varela representa a montanha como um repositório dos costumes, das tradições e da identidade galega. Versos que poderiam ser aqui categorizados: “Lucindo xoias benditas/ sempre, montaña, te vexa:/ télos cruceiros* prás citas*,/ prós devotos as ermitas,/ prós mortos o adral da igrexa”; “Non é gallego quen te axe,/ quen, serra, che teña zoña*,/ xa que herdaches o linguaxe/ enxebre*, o típico traxe,/ e a gaita e a máila* zanfoña”.

3. Os elementos “existenciais” são os que explicitam em que medida a montanha está relacionada ao *modus vivendi* e ao projeto existencial do próprio Noriega Varela — sendo, por conseguinte, desdobramentos dos elementos “afetivos” e “costumistas”. Exemplos de versos que aqui podem ser inscritos: “Teño de ollo hai moitos anos/ vivir na máis brava cume/ da Galicia, entre os peisanos”; “¡Concédame o ceio a min/ que volva a donde subín/ .../ pra oir a bulla* do bombo/ e os queixumes do violín!”.

Se os elementos “costumistas” são os mais exteriores ao poeta, na medida em que são intrínsecos à cultura galega, os elementos “afetivos” e “existenciais” estabelecem a relação entre aqueles e a subjetividade poética — de modo a

concretizar a relação entre Noriega Varela e a montanha. São esses, sobretudo, os que sedimentam a identificação entre a montanha e o poeta: por meio deles, Noriega Varela estabelece sua proximidade com relação aos costumes e ao ambiente montanhês — que, aliás, se torna parte de seu próprio projeto de vida.

Assim como uma montanha não tem data de nascimento, como se montanha fosse para além de todo o tempo — podendo, no máximo, sofrer pequenas erosões ou modificações em seu contorno —, também a cultura galega, em uma perspectiva norieguesa, provém de tempos imemoriais. Eis porque a referência ao passado parece conceder-lhe, invariavelmente, uma dimensão mítica: quando o poeta versa que “na vida dos meus abós/ um mantelo jera un tesouro!” (NORIEGA VARELA, 1995, p. 7), não se está referindo a uma época passada há algumas décadas, mas a esse tempo no qual a tradição permanece engastada, situado para além de qualquer datação ou cronologia. As mudanças que Noriega Varela enxerga com tanto pesar — a perda dos costumes, o esquecimento das tradições — são análogas à erosão que paulatinamente destrói a montanha. A tradição é como uma rocha que se esfarela por força de uma temporalidade estranha, que invariavelmente age de maneira destrutiva.

A partir dessa reflexão, podemos repensar a anteriormente referida questão política: talvez seja possível compreender a atitude de Noriega Varela como manifestação de um temor de que a luta política representasse uma entrega da cultura ao tempo. A Galiza, no entender do poeta, já estava constituída — “miticamente”, ou seja, para além da temporalidade. Quando afirma que a língua galega “é faliña que aloumiña*, / que o noso corazón move”, sugere ser o galego a fonte de todo o alento, imortal guia e inspiração; mas é preciso, sempre, resguardá-lo em seu lugar próprio — e esse lugar são as aldeias, a montanha, a poesia, os labregos: espaços onde a tradição pode permanecer tal e qual. Para Noriega Varela, toda pretensão de inovação, mudança ou reconstrução era potencialmente perniciosa; portanto, todo movimento político pairava como uma ameaçadora sombra, prestes a arruinar a

tradição tão prezada pelo poeta.

Algo que permanece implícito em tudo isso é a pretensão norieguesa de construir, para si mesmo, uma existência indissociavelmente relacionada à montanha; empreendimento que, ancorado em sua percepção das tradições, acabaria de alguma forma inscrevendo-o numa temporalidade eterna, enquanto mítica — se o oxímoro for permitido. Através dos costumes e da linguagem, Noriega Varela poderia escapar à finitude e tornar-se parte intrínseca da tradição. Podemos pensar o poema “A miña terra” (NORIEGA VARELA, 1995, p. 114) a partir desta reflexão: o poeta descreve, nesses versos, como constrói uma casinha no seio da montanha que o acolheu; uma vez habitando nessa casa — representação da tradição —, pode escapar ao mundo das contingências inscritas na temporalidade, de modo que seu destino passa a pertencer somente a Deus: “Deste espléndido refuxio/ salirei, se Diolo manda,/ de improviso; pero a morto/ han de tocar as campanas”.

Morte que, no entanto, enquanto produto da temporalidade, não pode ser mais do que uma ilusão — e de fato o é, como comprovamos no quarteto final: “Pesaroso o considero/ e no me saltan as bágoas*/ porque, ben mirado, a morte/ máis me ha de unir coa montaña”.

Graças à montanha, a morte representa não um fim, mas uma trilha definitiva para a eternidade — um passo irreversível rumo ao seio da própria montanha, o cerne da tradição à qual Noriega Varela dedicou toda a sua existência.

Glossário

Abrula: no glossário de Fernandez del Riego (1991), aparece como sinônimo de *dixital*, planta que, cozida, ativa a circulação sanguínea; mas que, se utilizada em excesso, pode causar a morte. No poema norieguês homônimo, a montanhosa usa uma grinalda de “coloradas abrulas”.

Aloumiñar: acariciar, acarinhar.

Bágoa: lágrima.

Brañego: relativo à *braña* — lugar com muita umidade; é o labrego da montanha.

Bulla: alvoroço, vozerio; *bullá do bombo* é uma imagem que remete a um ambiente festivo.

Cita: encontro — no caso, marcado em torno de uma cruz de pedra (*cruceiro*).

Chuchar: beijar.

Cruceiro: grande cruz de pedra erguida em encruzilhadas.

Entena: favo de mel.

Enxebre: característico de um país, cultura, região etc.

Estrafalario: estranho, extravagante.

Loar: enaltecer, elogiar.

Máila: mais a.

Remuíño: redemoinho.

Zoña: aversão.

Referências

CARBALLO CALERO, Ricardo. *Historia de la literatura galega contemporánea: 1808-1936*. 3. ed. Vigo: Galáxia, 1981.

FERNANDEZ DEL RIEGO, Francisco. Introducción. In: NORIEGA VARELA, Antonio. *Poesía*. Vigo: Xerais de Galicia, 1991.

FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón. *A cara oculta de Noriega Varela*. Santiago de Compostela: Laiovento, 1992.

NORIEGA VARELA, Antonio. *Do ermo*. Vigo: Galáxia, 1995.

Nota

¹ Agradeço ao Professor Doutor Xosé Ramón Freixeiro Mato (Universidade da Corunha) por sua leitura e suas valiosas sugestões.